



ENTREVISTA

Maternidade, Universidade e Ciência- Desafios do ponto de vista discente

POR: CAMILA SILVA DE LAVOR (CSL)

Entrevistada: Nayra Thaislene Pereira Gomes (NTPG)

Bacharela em Ciências biológicas pela Universidade Regional do Cariri-URCA. Graduanda em Licenciatura do curso de Ciências biológicas. Associada da ONG Biodiverse. Integrante do projeto Biodinâmica. Colaboradora do Grupo de estudos em Análises de Modelagem, Ecologia, Ecofeminismo e Etnobiologia. Mestranda do programa de Pós-Graduação Ciências da Saúde e Biológicas (PPGCSB), da Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF, atuando na linha de pesquisa, "Biodiversidade, Tecnologia e Recursos Naturais". Mãe do Antônio e do Elias.

Entrevista realizada dia 26 de fevereiro de 2023 às 16hrs.

Nota da Entrevistadora: Dedico essa entrevista a todas as mães que conheci durante esses anos de graduação. Mães discentes, mães docentes e pesquisadoras, mães servidoras e mães de alunos da UNIVASF.

CSL– Quando sua gestação foi descoberta você estava em qual semestre do curso? Pode falar um pouco sobre seus sentimentos na época?

NTPG – Estava concluindo o III Semestre. Quando eu descobri, automaticamente já sabia que iria trancar o curso, porque eu já entrei na Universidade com um filho (Antonio) e morava em outra cidade para estudar. Então imaginei que seria inviável, já que meus gastos iriam aumentar e, na época, eu me sustentava apenas com a bolsa de Iniciação Científica e a ajuda de meus pais. Não foi fácil aceitar essa gravidez, pelo fato de não ter sido planejada e não ter condições financeiras naquele momento.

CSL – Como foi sua adaptação as exigências universitárias e processo gestacional?

NTPG – No início eu pensava que iria trancar o curso e retornar para a minha cidade, mas a minha família, precisamente minha mãe e minha madrinha, me ajudaram a dar continuidade, com o apoio financeiro e cuidados com o meu filho. Para mim foi difícil a adaptação, porque eu voltei em dois meses depois de ter o meu filho, ainda estava no puerpério e a Universidade não tinha estrutura para acolher uma mãe lactante. Foi difícil acompanhar as disciplinas e principalmente as aulas práticas. Não me adaptei bem.

CSL – Você considera que foi acolhida pelo corpo docente da sua instituição, tendo em vista as limitações durante aulas práticas ou ausência nas mesmas devido a mal estar gestacional?

NTPG – Fui bem acolhida em relação a compreensão de alguns professores durante a gestação, porém o pós parto não. Fui prejudicada em algumas disciplinas por não poder frequentar as aulas práticas e não pude realizar as atividades somatórias. Apenas em uma das disciplinas do semestre eu não fui incompreendida, que no caso foi a de Entomologia, onde a professora adaptou o espaço da prática para fora do laboratório para mim, porque eu não podia ter contato com os produtos químicos, os quais poderiam passar para o leite e contaminar meu filho na amamentação. Sou grata a ela por isso.

CSL – Após o nascimento do seu bebê, ocorreu de você leva-lo para a universidade? Como foi esse processo para você como mãe e aluna?

NTPG – Sim, eu levei meu filho algumas vezes para as aulas, e não pude fazer isso por muito tempo, porque ele não se adaptou a temperatura do ar-condicionado, e nenhum momento foi sugerido diminuir a temperatura, eu não tinha dinheiro para uma creche e ele ainda era muito pequeno quando eu retornei as aulas. Eu não me sentia pertencente a Universidade, foi um período que eu estava focada apenas em passar nas disciplinas, não estava inteirada com eventos ou qualquer outra atividade do meu projeto de pesquisa, o qual também tive que pausar por um tempo.

CSL – Devido as exigências acadêmicas, em algum momento você pensou em desistir? Se sim, o que te motivou a perseverar e concluir sua formação?

NTPG – Sim, pensei em desistir várias vezes. Porém, eu sabia que retornando para a minha cidade, me acomodando com a ajuda de meus pais e vivendo apenas para a criação, eu nunca teria como proporcionar aos meus filhos melhores condições de vida. Então, eu foquei nos meus estudos e neles (filhos). Eu engravidei na adolescência, fui mãe no ensino médio, mesmo assim coloquei na minha cabeça que iria continuar a estudar, para ter um futuro diferente de tantas outras mães que não tiveram essa oportunidade. Depois, fui mãe novamente, já na Universidade, e tudo parecia ter um fim, mas agarrei novamente a ajuda que me ofereceram e concluí a faculdade. Estou até hoje lutando para viver da profissão que amo e escolhi (Bióloga), o caminho é mais difícil porque para que eu realize uma atividade simples é preciso muito esforço e rede de apoio. O que me motiva são os meus filhos e a minha própria vontade de viver minha “Eudaimonia”.

CSL – Atualmente, como bióloga formada e mestranda, qual mensagem você gostaria de deixar para outras pessoas que estão passando pela maternidade no âmbito acadêmico?

NTPG – Gostaria de dizer que se você possui uma rede de apoio, agarre essa oportunidade. Eu sei que por muitas vezes nós, mães, nos sentiremos mal por deixarmos nossos filhos aos cuidados de outros, porém, acredito muito na ideia do coletivo, inclusive falei sobre isso nos agradecimentos do meu TCC, onde citei um provérbio africano que diz: “É preciso uma aldeia para se educar uma criança”. A criação não depende de um só ser, as relações são imprescindíveis, parte muito do princípio da necessidade do coletivo para o reger do mundo, e é por isso que não podemos carregar a culpa da ausência, principalmente porque somos nós também sobrecarregadas. Mas, se você é uma mãe que não possui uma rede de apoio, que não pôde realizar ou concluir um curso de graduação, eu sinto muito, e peço que se lembre do quanto é grandioso e importante o trabalho de uma mãe. Sim, é trabalho, mesmo que não seja reconhecido como tal, nós estamos cumprindo o papel mais importante do mundo: o de possibilitar a perpetuação da espécie humana, não apenas em sentido de sobrevivência biológica, mas de educação e construção social, uma vez que essa criança de hoje será o adulto de amanhã. Eu desejo que nós, mães, tenhamos redes de apoio, principalmente nos espaços institucionais, pois a ciência também é feita por mães. Finalizo com essa frase de Simone Weil: “Igualdade é o reconhecimento público, efetivamente expresso em instituições e modos, do princípio de que um grau igual de atenção é devido às necessidades de todos os seres humanos.”

CSL – Aqui concluo minhas perguntas e agradeço por ter aceito participar da entrevista.